

APROXIMAÇÃO EM TEMPOS DE DISTANCIAMENTO: RELATOS DE UMA EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO REMOTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

TÁSSILA LAUANDA SILVA FRANÇA

Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, tlauanda123@gmail.com;

AUGUSTO VINÍCIUS OLIVEIRA DA SILVA

Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, augustoviniciussilva.av@gmail.com;

ADMA SOARES BEZERRA

Professora orientadora: Mestra em Educação Contemporânea pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, admasoares@hotmail.com.

RESUMO

A pandemia de Covid-19, doença causada pelo novo coronavírus, forçou a humanidade a parar suas atividades através de medidas de distanciamento social, imprescindíveis para a preservação da vida em tempos tão conturbados. A educação foi uma das áreas mais afetadas por tal contexto, tendo suas atividades presenciais preventivamente interrompidas. É dentro desta conjuntura, que o presente trabalho foi desenvolvido. Como estudantes de Pedagogia, vivenciar a prática do estágio da educação infantil sem a possibilidade de adentrar na escola, se mostrou como um desafio, mas através de metodologias mediadas pela internet, foram possíveis momentos de aproximação e diálogos entre a universidade e o campo de estágio, mesmo em tempos de distanciamento social, e a elaboração de uma proposta de intervenção que respeitasse as medidas de biossegurança, atendendo às especificidades e/ou demandas das vivências vivenciadas durante o estágio. Tomamos como referência para este trabalho: Behar (2020); Pimenta & Lima (2005/2006); Carneiro (2016); Santos & Bezerra (2020, no prelo); Ribeiro, Souza & Sampaio (2018), entre outros.

Palavras-chave: Ensino remoto, Pandemia, Educação infantil.

INTRODUÇÃO

Desde os primeiros dias do ano de 2020, o surgimento de uma até então desconhecida e misteriosa doença causada por um vírus também desconhecido, alertava o mundo para medidas de proteção que logo se fariam necessárias para o controle dessa nova enfermidade. A pandemia de Covid-19, declarada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em 11 de março de 2020, foi a denominação da doença originada pela infecção com o novo coronavírus Sars-CoV-2, que forçou a humanidade a parar boa parte de suas atividades presenciais através da instalação de quarentenas, períodos de *lockdown* e medidas de distanciamento social imprescindíveis para a preservação da vida em tempos tão conturbados (MOREIRA & PINHEIRO, 2020).

A educação, dentre muitas áreas, também foi severamente afetada por tal contexto, tendo suas atividades presenciais preventivamente interrompidas. Embora muito se discutisse sobre quando a crise sanitária fosse acabar (inicialmente acreditava-se que seria por um período temporal menor do que realmente ocorreu), tais ações ocasionaram o distanciamento geográfico entre professores e alunos do espaço escolar por meio de decretos, e evidenciou a (re)criação de práticas educacionais adaptadas ao novo contexto e mediadas pela internet, a fim de minimizar os impactos provocados por essa nova realidade (BEHAR, 2020).

Desta forma, destacamos o WhatsApp, (ou comumente “Zap”), ferramenta bastante utilizada por professores no contexto de ensino remoto. Santos e Bezerra (2020, no prelo), ao citarem Pinto (2020), destacam o uso do aplicativo e suas potencialidades para a educação, devido a difusão do mesmo nos mais variados círculos sociais. As autoras ainda reforçam, entre as diversas funcionalidades do meio de comunicação em questão, o uso de grupos e o compartilhamento de informações como itens de muita funcionalidade no contexto educacional (SANTOS e BEZERRA, 2020, no prelo).

Ao iniciarmos a disciplina de Estágio Supervisionado, nos vimos diante de um impasse: como vivenciar a prática, sem a possibilidade de adentrar na instituição/campo, a escola, o ambiente que nos proporcionaria essa vivência? O que se apresentou, ao longo do que experienciamos durante as aulas na disciplina supracitada, dos diálogos remotos e, a partir dos teóricos, é que precisaríamos (re)definir a forma como a disciplina se dava até então, adaptando-a à realidade agora instaurada.

Nesse sentido, Pimenta e Lima (2005/2006), ao tratarem sobre as diferentes concepções de estágio e docência, apontam sobre a necessidade de reconhecer o estágio como uma disciplina que não é meramente prática, mas que está indissociada da teoria, e contribui para a formação de um profissional crítico, reflexivo da sua prática, à luz dos saberes das diversas disciplinas. Destarte, elas pontuam que, esse processo “[...] envolve, também, o conhecimento, a utilização e a avaliação de técnicas, métodos e estratégias de ensinar em situações diversas”. (PIMENTA & LIMA, 2005/2006, p. 20). Compreendemos que essa seria uma das situações diversas mencionadas, em que tudo precisa ser repensando, reformulado, tanto no que se refere a instituição universitária, quanto a instituição escola.

Acerca da Educação Infantil, no qual o presente trabalho se insere, entendemos que as suas especificidades a diferem por trazer em seu cerne, ao mesmo tempo, a ideia de educar e cuidar, que se caracterizam, conforme definido por Colinvaux (2011, apud COELHO & SOUZA, 2017), como um duplo compromisso. O autor também destaca como centralidade desta educação, a própria criança: “ela é o centro, ela é nossa razão de existir, e é nossa responsabilidade assegurar seu bem-estar físico e psíquico” (COLINVAUX 2011, p. 13 *apud* COELHO & SOUZA, 2017, p. 107).

É nesta perspectiva, entendendo a importância histórica da conjuntura pandêmica atual que possivelmente ilustrará os novos livros de história, que destacamos a relevância acadêmica – e social – do presente trabalho, e buscando, sobretudo, contribuir para as diversas pesquisas que estudam os impactos provocados pela pandemia de COVID-19. Igualmente, refletimos sobre a importância pessoal deste estudo, que nos proporcionou formas de valorizar as experiências educativas construídas dentro do ensino remoto, e que mesmo distantes do espaço geográfico da escola, possibilitaram a aproximação necessária para o contexto.

Neste sentido, objetivamos com este estudo elencar algumas das dificuldades encontradas por docentes da Educação Infantil da cidade de Toritama, interior pernambucano, campo desse estudo. Não obstante, buscamos ainda suscitar reflexões para a sociedade a respeito dos impactos provocados por este período pandêmico na escola, evidenciando assim, a relevância social deste estudo. A educação é um bem comum, direito de todos e um dever do Estado, e cabe a nós, pedagogas e pedagogos em formação, levar à sociedade estudos e pesquisas que ressaltem essa riqueza e que contribuam para esse entendimento.

METODOLOGIA

Como já explicitado anteriormente, o distanciamento geográfico do espaço escolar devido às medidas de proteção e contenção do espalhamento do novo coronavírus obrigaram docentes de todo o mundo a migrarem para modalidades de ensino mediadas pela internet. Deste modo, nós, estudantes da graduação, tivemos que nos adaptar a esta nova realidade imposta, desenvolvendo novas estratégias de diálogo e acompanhamento da docente colaboradora deste estudo, de forma a respeitar as medidas de biossegurança, e assegurar o pleno desenvolvimento do nosso trabalho.

Foi dessa forma que o uso de ferramentas como WhatsApp, Google Meet e Google Forms (Formulários) se fizeram imprescindíveis neste cenário, possibilitando uma aproximação virtual entre a universidade e o campo de estágio. Santos Júnior e Monteiro (2020), ao analisarem algumas dessas ferramentas em sua utilização para a escola, destacam que “tais recursos são apresentados como instrumentos que também apresentam suas contribuições em tempo de distanciamento social, tornando a aprendizagem remota mais motivacional, colaborativa, interativa e, principalmente, significativa” (p. 13-14).

No âmbito deste trabalho, tais ferramentas possibilitaram a realização de encontros virtuais com a docente acompanhada, onde foi possível delinear reflexões entre as nossas vivências e as ricas contribuições que seriam proporcionadas por quem esteve na linha de frente da educação no último ano. Desta forma, considerando a exclusividade do contexto pandêmico, optamos por fazer um estudo baseado na entrevista semi-estruturada que, conforme definida por Minayo (2007), “combina perguntas fechadas e abertas, em que o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema em questão sem se prender à indagação formulada” (p. 64), configurando assim, ao nosso ver, uma conversa com a docente sobre sua experiência com a modalidade do ensino remoto durante a pandemia. Ribeiro, Souza e Sampaio (2018) atentam para a importância do ato de conversar:

Antes de verbo, conversar é uma postura, um posicionamento, uma abertura ao encontro, ao diálogo. É um gesto de amor e de hospitalidade para com a alteridade. A conversa é um acontecimento, uma irrupção: aquilo que acontece borrando os contornos do esperado,

desarrumando o ordenado, extrapolando o pensado (RIBEIRO, SOUZA, SAMPAIO, 2018, pág. 165).

Considerando o contexto, acreditamos que a conversa se contitui, assim, como um ato de reflexão sobre o vivido, em um ato de rememoração do acontecido, podendo-se falar livremente sobre as experiências.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Organizamos a apresentação desta jornada através das seguintes categorias: *Escolas fechadas: “como iremos ensinar?”* Trazendo uma breve descrição de nossas experiências com os diálogos remotos realizados durante nossas aulas, bem como, nossa experiência com as aulas e as discussões apresentadas durante a disciplina de Estágio Supervisionado – Educação infantil; *A universidade e o campo: aproximação em tempos de distanciamento*, trazendo um breve histórico do acompanhamento realizado com a docente da escola municipal da cidade de Toritama-PE; e para concluir, um breve delineado de nossa proposta de intervenção para tempos pandêmicos n’ *O caderninho de memórias da criança*.

ESCOLAS FECHADAS: “COMO IREMOS ENSINAR?”

[...] tomando o período de distanciamento social enquanto particularidade de um, “tempo de pandemia”, ao pensarmos no cenário educativo vigente, compreende-se prioritariamente a necessidade de adequações pedagógicas que acompanhem as mudanças oriundas desse novo - ainda que temporário - modelo de (re)organização social (SANTOS & BEZERRA, 2020, p. 9).

Nesta categoria, destacamos um questionamento presente nos relatos das docentes ouvidas nos diálogos remotos. Afinal, com as escolas fechadas, como poderiam ensinar? Tal questionamento poderia ser respondido de variadas formas, mas em seus discursos, foi unanimidade a presença de uma única palavra: desafio.

Os diálogos remotos (encontros realizados durante a disciplina de Estágio onde foram reunidas algumas das docentes que seriam acompanhadas e nós, estagiários) foram essenciais para entender como se deu o processo de ensino-aprendizagem durante o primeiro ano de pandemia. Tais encontros nos permitiram traçar uma síntese do que foi experienciado quando o Decreto estadual nº 48.809 foi assinado em 16

de março de 2020, obrigando temporariamente o fechamento das escolas, universidades e institutos de educação. Tanto para nós, estudantes universitários, quanto para as docentes, a perspectiva era de que essa interrupção seria temporária, e que em alguns meses tudo voltaria ao normal. Não foi o que ocorreu.

Com o passar das semanas, foi-se percebendo que a situação sanitária não iria se resolver em alguns meses, o que obrigou as docentes a se adaptarem a nova modalidade de ensino, esquecendo planejamentos anteriores e adotando práticas mediadas principalmente pela internet. Elas relataram que devido ao ineditismo do momento, não havia muita noção do que fazer, o que levou as docentes a testarem modalidades de ensino que pudessem se adequar ao contexto de seus estudantes.

Tento em vista esse cenário: o erro, o teste, a reflexão e a (re)avaliação da própria prática foram exercícios permanentes; e como bem ressaltou uma das docentes, a educação não é uma receita pronta, e ser professor, necessitava de adaptações e readaptações conforme o que é proporcionado. Sobre isso, Perronout (2002, *apud* RICARDO, 2010) aponta também para a importância dos teóricos para a constituição da reflexão sobre a prática:

Não é possível avançar muito se refletirmos ou debatermos sem recorrermos a certos saberes. A experiência singular só produz aprendizagens se ela estiver estruturada em conceitos, se estiver vinculada a saberes que a tornam inteligível e inserem-se em alguma forma de regularidade (2002, p. 52).

O contexto advindo com a crise sanitária proporcionou momentos de desafio para as docentes, e para superá-los, deveriam mobilizar múltiplos conhecimentos adquiridos através da própria carreira. Um desafio à toda teoria que havia sido aprendida na academia. Um encontro definitivo entre a Universidade e a Escola. Assim, resgatamos uma das falas mais icônicas desse encontro, proporcionado por uma das docentes: “No caminhar da educação, a teoria são os sapatos que podem ser trocados de acordo com o caminho que se apresente”. Desta forma, em tempos de pandemia, a teoria se fizera mais que importante para que, dentro das possibilidades, as docentes repensassem suas práticas visando o melhor par de sapatos para o caminho tão desafiador no qual estavam.

A UNIVERSIDADE E O CAMPO: APROXIMAÇÃO EM TEMPOS DE DISTANCIAMENTO.

Uma de nossas maiores dúvidas ao iniciar a disciplina de Estágio era a de como poderíamos realizar “remotamente” uma disciplina que em sua gênese necessita da interação entre a universidade e o campo. A resposta estava nas experiências vividas no ano anterior da professora colaboradora de nosso projeto, que neste trabalho, devido ao contexto desafiador vivenciado por ela e por muitas e muitos docentes em todo o país, resolvemos dar o nome fantasia de Ranya, cujo o significado, dentre muitos que poderíamos listar, é o de “vencedora” ou “aquela que está à procura do novo”.

Nossos “encontros” se deram, em sua maior parte, através de conversas em um grupo de WhatsApp, o que nos permitiu um diálogo mais direto e prático, mas não unicamente. Para compreender o contexto escolar que estávamos acompanhando, realizamos um questionário através da plataforma Google Forms, e chamadas *online* através da plataforma Google Meet, recurso este que também possibilitou os diálogos remotos com as docentes citadas na seção anterior.

Nosso acompanhamento ocorreu por uma escola localizada no município de Toritama, cidade do Agreste pernambucano, em um bairro periférico da cidade. A instituição teve sua inauguração no ano de 2018, e conta com nove salas de aula que atendem desde o berçário (3 anos), até o 5º ano. Sendo assim, embora alguns pontos sejam destacados pela professora como necessários de melhorias (a docente citou no Questionário, banheiros mais acessíveis às crianças da Educação Infantil; e melhorias no pátio visando os dias chuvosos), ela considera a estrutura da escola como boa.

Apresentadas as principais características do campo – mesmo que as ações por nós acompanhadas não estejam sendo realizadas na escola – partamos para os encontros com a professora. Durante os diálogos, a Profa. Ranya nos permitiu acompanhar, através de seus relatos, sua experiência de ensino durante o ano de 2020 em uma turma de pré-escola II¹, que apresentou uma jornada única, ao mesmo tempo que conversava com os relatos trazidos nos diálogos remotos.

1 Conforme estabelecido pela Lei Nº 12.796, de 4 de abril de 2013: “A educação infantil, primeira etapa da educação básica tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social,

Segundo a docente, ela não pôde acompanhar o início da experiência com o ensino remoto por estar em período de licença maternidade. Sua volta à “sala de aula”, somente ocorreu meses após o início da nova modalidade de ensino, em setembro de 2020, em uma turma que já havia iniciado seu ano letivo com uma outra docente.

As aulas, ou encontros, aconteciam através do aplicativo WhatsApp, em um grupo que havia sido formado logo no início do período remoto, e se davam através de vídeos enviados pela professora e atividades que haviam sido entregues nas casas dos estudantes através de pequenas coletâneas intituladas de *ATIVIDADES PARA O PRÉ II*, que traziam tarefas de alfabetização, matemática, leitura de imagens, entre outros. As atividades apresentadas eram sempre explicadas pela docente através de vídeos enviados três vezes durante a semana.

A Profa. Ranya relatou que no início das atividades percebeu que já havia um índice baixo de estudantes participantes dos encontros, frente ao número de alunos que a própria turma possuía². Inicialmente, ela associou esse baixo índice à troca repentina de professoras que ocorreu quando ela voltou para a escola, entretanto, como ela mesma pontuou posteriormente e como foi possível perceber durante os diálogos remotos realizados com as outras docentes, o baixo índice de presença nas aulas remotas foi inferido com unanimidade por todas elas. Inicialmente, houve uma grande comoção de pais de alunos e dos próprios quanto a frequência nas aulas, contudo, conforme o tempo foi passando, e conforme o período de isolamento foi se prolongando, esta frequência foi decaindo gradativamente.

Dentre os motivos desta infrequência, as docentes compreenderam que tais índices poderiam estar relacionados ao contexto socioeconômico das escolas, localizadas em bairros periféricos da cidade, cujo o acesso à internet não era de tal modo pleno e suficiente para manter a assiduidade. A Profa. Ranya também relatou que muitos dos estudantes, embora tivessem acesso à internet, em muitos casos não possuíam aparelhos próprios, utilizando os celulares dos pais para as atividades, que por sua vez, necessitavam dos mesmos para o trabalho.

complementando a ação da família e da comunidade.” (BRASIL, 2013). Neste estudo, acompanhamos uma turma de pré-escola II (5 anos).

2 Segundo o QUESTIONÁRIO à docente, realizado com a Profa. Ranya, a proporção professor-aluno na Educação Infantil chega a 30 estudantes.

Todas essas dificuldades apresentadas corroboram com o que trazem Dias e Pinto (2020) acerca dos recursos imprescindíveis para professores e estudantes durante este período de ensino remoto. As autoras classificam como obstáculos graves a falta de “[...] computadores, aparelhos de telefonia móvel, *software* e Internet de boa qualidade [...]” (DIAS & PINTO, 2020, p. 546, *grifo das autoras*), para docentes e discentes mais empobrecidos, muitos localizados nas periferias das cidades, dentre outros contextos socioeconômicos.

Outros fatores importantes de serem mencionados são a falta de um espaço adequado em casa, bem como a falta de interação social com os colegas de classe que são fatores que contribuem para o aumento dos níveis de estresse dos estudantes. Dias & Pinto atentam:

Não podemos esquecer que saúde física e saúde mental andam juntas. A duração prolongada do confinamento, a falta de contato pessoal com os colegas de classe, o medo de ser infectado, a falta de espaço em casa – torna o estudante menos ativo fisicamente do que se estivesse na escola –, e a falta de merenda para os alunos menos privilegiados são fatores de estresse que atingem a saúde mental de boa parte dos estudantes da Educação Básica e das suas famílias (DIAS & PINTO, 2020, p. 546).

Sobre a necessidade de um adequado espaço escolar, Gandini (1999), ao refletir sobre as experiências de uma escola no interior da Itália, considera:

O ambiente é visto como algo que educa a criança; ele é considerado o “terceiro educador”, juntamente com a equipe de [...] professores. A fim de agir como educador para a criança, o ambiente precisa ser flexível; deve passar por uma modificação frequente pelas crianças e pelos professores a fim de permanecer atualizado e sensível às suas necessidades de serem protagonistas na construção de seu conhecimento (GANDINI, 1999, p. 157).

O ambiente doméstico dos estudantes, embora esteja desempenhando a função de ambiente escolar, não consegue suprir todas as carências que o processo de ensino-aprendizagem necessita. Esta falta do ambiente adequado e sensível às necessidades das crianças, quando prolongada pela conjuntura pandêmica observada no ano de 2020 e estendida ao ano de 2021, afeta de modo negativo o desenvolvimento das crianças. Disto, resulta os episódios de infrequência, estresse,

subalimentação (algo também citado pelas docentes durante os diálogos remotos), entre tantos outros.

O CADERNINHO DE MEMÓRIAS DA CRIANÇA.

Ao final da disciplina de estágio, tínhamos que apresentar uma proposta de intervenção contendo uma atividade adaptada à conjuntura pandêmica. Assim, pensamos em uma proposta que pudesse ser significativa para os estudantes, valorizando o contexto e as especificidades do momento, e proporcionando através da expressão (escrita espontânea e palavras estáveis), as oportunidades de registros de suas experiências durante a “quarentena” (como popularmente ficou conhecido o período de distanciamento social), mas também de seus gostos, brincadeiras, jogos, entre outras particularidades do ser criança.

Buscamos também, uma atividade que pudesse valorizar a conversa e a interação professor-aluno e aluno-aluno, privilegiando momentos lúdicos e contextualizados de aproximação, mesmo em tempos de distanciamento. Para tanto, contamos com a colaboração de Santos & Bezerra (2020, no prelo) contextualizando este *novo* normal; Ribeiro, Souza e Sampaio (2018), sobre o ato da conversa e do diálogo; Ferreiro e Teberosky (1989, apud BELUZO e FARAGO 2016), palavras estáveis; a BNCC (BRASIL, 2017), quanto à pertinência da produção e oralização a partir das próprias experiências; e Santos & Silva (2016), cooperando com a autonomia da criança e da importância do ato de narrar.

Nossa proposta, intitulada *O caderninho de memórias da criança*, consistiu na produção, pela docente, de um pequeno livro de registros de memória com as crianças, como um diário, que seriam entregues a eles junto com a coletânea de atividades já mencionada. Tal proposta seria seguida de uma exposição oral, pelos estudantes, do que foi registrado, e através de um faz de conta onde a criança pudesse imaginar-se em diferentes contextos, ampliando seus horizontes criativos e perspectivas. Estas eram nossas ponderações quanto a proposta desenvolvida, ademais, a docente também falou sobre sua própria visão quanto ao trabalho realizado por este acompanhamento de estágio:

Gostei muito por ser algo realista e ao nosso alcance. Certamente vou adaptar para a minha turma atual. Acredito que eles vão gostar pois no primeiro dia de aula, já gravaram um vídeo falando um pouco deles. A ideia do livro é muito interessante também, como se fosse um

diário que eles possam registrar seus dias. [...] Será de grande valia poder utilizar essa proposta no decorrer das minhas aulas (EXTRATO DO DIÁRIO DE CAMPO – REUNIÃO NO GRUPO DO WHATSAPP EM 20/04/2021).

Para concluir esta seção, ressaltamos que devido à peculiaridade do contexto, não conseguimos experienciar a aplicação do nosso projeto, entretanto, cabe ressaltar o quanto estas trocas de experiências suscitaram reflexões e discussões ricas a respeito do papel imprescindível da escola para o desenvolvimento, bem como a importância da interação. Vivemos dias onde necessitamos estar separados, como medidas de proteção a um vírus potencialmente mortal, e que deixou tantas vítimas ao redor do mundo, mas nossas experiências nos mostraram a importância da união, mesmo que a distância, para a superação deste contexto, e a construção de dias potencialmente melhores.

CONSIDERAÇÕES PARCIALMENTE FINAIS

Mas, assim, vou me preparando, carregando o peso, construindo o prédio, sem deixar o relógio quebrar [...]

(Augusto V. Silva)

Na crônica *A rotação da terra, construção do prédio e o relógio quebrado*, o autor faz uma alusão ao ato de viver, o qual é desafiador e impõe um constante movimento de percepção apurada dos acontecimentos, de entrega e recomeços. Por que a vida não pode parar, e ela é difícil, por isso nos exige refletir sobre como as coisas estão interligadas entre si, de tal modo que é possível achar relação entre rotação dos planetas e construção de prédios. Assim, em tempos de adversidade como o que estamos atravessando, não podemos parar. Como os trabalhadores não param a obra, como a Terra não para de girar, incessantemente, temos que continuar. Como educadores em formação também precisamos nos movimentar, pelos nossos futuros alunos e pelos futuros professores que virão.

O ano de 2020, sucedido pelo agora ano de 2021, foi desafiador em todos os sentidos: por um lado uma pandemia mundial, instaurou um cenário de tristeza e dor ao redor do mundo, bem como modificou toda a rotina e o cotidiano das pessoas, transformando o normal, em um *novo* normal. Por outro lado, a necessidade de vislumbrar, por menor que seja, alguma perspectiva, um futuro, um depois melhor que o agora,

fez-se necessária. E como fazer isso? Como olhar para além da pandemia? Pensamos que, por meio da educação, conseguimos exercitar esse olhar, como diria Behar (2020),

[...] Aprender a lidar com o novo, com o diferente, entender os benefícios de fazer um novo projeto, buscar a motivação para engajar nossos estudantes. Precisamos procurar nossas qualidades, coragem, criatividade, perspectiva, trabalho em equipe, pois estamos construindo juntos um “novo normal” [...] (BEHAR, 2020)

As vivências no ensino remoto nos levaram a pensar que, mesmo não sabendo quando retornaremos a normalidade, podemos sempre (re)fazer um novo normal, construindo perspectivas de esperança no horizonte enquanto luta. Como nos diria Freire (1992): “Não é, porém, a esperança um cruzar de braços e esperar. Movo-me na esperança enquanto luto e, se luto com esperança, espero” (p. 52-53). Esperançar é um ato de resistência.

A disciplina de Estágio Supervisionado nos permitiu adentrar num campo de experiência ainda pouco conhecido por nós, o da educação infantil, de uma maneira nunca antes vivenciada nessa disciplina. Construimos saberes, fomos desafiados a todo instante e, unindo nossas experiências, nossos conhecimentos, nossos diálogos, pudemos, muito além de propor uma intervenção que pudesse ser realizada apesar das limitações, em termos de distanciamento, refletir sobre nossa formação enquanto pedagogas e pedagogos, pois, conforme Carneiro “[...] a formação dos professores deve ser vivida como um longo processo de reflexão, construção e reconstrução da identidade...” (CARNEIRO, 2016, p. 3060). Sabendo que ainda temos uma imensa jornada pela frente, levaremos toda essa bagagem de conhecimento produzida neste espaço-tempo para a nossa prática docente, como forma de ressignificá-la.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2017.

_____. Ministério da Educação. **Lei Nº 12.796**. Brasília, 2013.

BEHAR, P. A. O Ensino Remoto Emergencial e a Educação a Distância. Disponível: <https://www.ufrgs.br/jornal/o-ensino-remoto-emergencial-e-a-educacao-a-distancia/>. Acesso em 27 de abr. de 2021.

BELUZO, A. F.; FARAGO, A. C. **O trabalho com o nome próprio na Educação Infantil**. Bebedouro-SP: Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade, 2016. p. 100-118.

CARNEIRO, G. A. P. **O estágio e a tecitura da identidade docente nas narrativas de formação**. Disponível em: https://www.ufmt.br/endipe2016/downloads/233_11052_37861.pdf. Acesso em 9 de fev. 2021.

COELHO, M.; SOUZA, S. **Crianças, Naturezas e seres desimportantantes**. In: HUIZINGA, J. Homo Ludens: O jogo como elemento de cultura. 8 ed. São Paulo, Perspectiva, 2014.

DIAS, E.; PINTO, F. C. F. **A Educação e a Covid-19**. Rio de Janeiro: Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas, 2020. p. 545-554.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GANDINI, L. Espaços educacionais e de Envolvimento Pessoal. In: EDWARDS, C.; GANDINI, L.; FORMAN, G. (Orgs.) **As Cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da Primeira Infância**. Porto Alegre: Artmed, 1999. p. 145-158.

MOREIRA, A.; PINHEIRO, L. **OMS declara pandemia de coronavírus**. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/03/11/oms-declara-pandemia-de-coronavirus.ghtml>. Acesso em 27 de abr. de 2021.

MINAYO, M. C. S. [org.]; DESLANDES, S. F.; GOMES, R. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 26. ed. rev. atual. Petrópolis: Vozes, 2007.

PERNAMBUCO. Governo do estado de Pernambuco. **Decreto Nº 48810 de 16/03/2020**. Disponível em: <https://www.legisweb.com.br/legislacao/?id=390754>. Acesso em 27 de abr. de 2021.

SANTOS, J. C. BEZERRA, A. S. **ERA UMA VEZ A SALA DE AULA: AS MEDIAÇÕES PEDAGÓGICAS E TECNOLÓGICAS INAUGURADAS PELO COVID-19.** Centro Acadêmico do Agreste CAA/UFPE. Caruaru, 2020. No prelo.

SANTOS, S. V. S.; SILVA, I. O. **Crianças na educação infantil: a escola como lugar de experiência social.** São Paulo: Educ. Pesqui. 2016. p. 131-150.

SILVA, A. V. **Vícios Viciantes do Conselho Augustiano.** Amazon KDP, 2020.

RIBEIRO, T.; SOUZA, R.; SAMPAIO, C. S. É possível a conversa como Metodologia de pesquisa? In. RIBEIRO, T.; SOUZA, R.; SAMPAIO, C. S. [Org.] **Conversa como Metodologia de pesquisa: Por que não?** Rio de Janeiro: AYVU, 2018. P. 163-180.

RICARDO, E. C. **Discussão acerca do ensino por competências: problemas e alternativas.** Cadernos de Pesquisa [online]. 2010, v. 40, n. 140 p. 605-628. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0100-15742010000200015>.

SANTOS JUNIOR, V. B. DOS; MONTEIRO, J. C. DA S. EDUCAÇÃO E COVID-19: AS TECNOLOGIAS DIGITAIS MEDIANDO A APRENDIZAGEM EM TEMPOS DE PANDEMIA. **Revista Encantar - Educação, Cultura e Sociedade**, v. 2, p. 01-15, 15 maio 2020.